

CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR ACADÊMICOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA, CAMPUS ORIXIMINÁ

FRANCIELE DOS SANTOS FERREIRA¹, ADRIELE FIGUEIRA SOUZA², ELIVANA DOS SANTOS PANTOJA³, DIEGO SOUZA COSTA⁴, PRYSCILLA DENISE ALMEIDA DA SILVA⁵, RAQUEL MOURA MACHADO⁶

Palavras-chave: CONHECIMENTO POPULAR, FITOTERAPIA, PLANTAS MEDICINAIS

Introdução

O conhecimento sobre plantas medicinais adquiridos pela sabedoria popular, ou empírico, é passada até hoje de geração a geração, deste modo, o homem se interessou em pesquisar e identificar que plantas deve utilizar e suas possíveis aplicações terapêuticas. Assim, os primeiros relatos de estudos botânicos foram influenciados pela busca de plantas com algum tipo de finalidade terapêutica [1]. De tal maneira que nove espécies nativas da Amazônia empregadas pela população de Oriximiná não constam em nenhum dos documentos analisados, salientando a importância da etnobotânica como estratégia de introdução da fitoterapia alinhada ao SUS local. E no caso específico de Oriximiná, as nativas de uso tradicional devem servir de base para elaboração de protocolos de uso na Atenção Primária à Saúde (PIRES ET AL. 2020[2]). O trabalho tem como objetivo realizar levantamento e identificação do uso popular de plantas medicinais pelos alunos de graduação da Universidade Federal do Oeste do Pará e verificar na literatura especializada se as plantas medicinais citadas estão de acordo com as enfermidades tratadas pelos mesmos.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) - Campus Oriximiná, que fica localizada na TV. Carlos Maria Teixeira, na cidade de Oriximiná, Oeste do Pará. Para averiguar o conhecimento dos acadêmicos da UFOPA a pesquisa foi realizada através de questionário semiestruturado feito no Google Forms, e disponibilizado através de link, para os discentes, que responderam de forma voluntária. Este questionário ficou disponível

¹ Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: fran.santosferreira01@gmail.com

² Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: adrielepinohenry@gmail.com

³ Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: elivanapantoja2@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: thyegohenry008@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: pryscilla.silva@ufopa.edu.br

⁶ Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: raquel.machado@ufopa.edu.br

por 30 (trinta) dias para ser respondido e um total de 43 pessoas responderam, no formulário continha questões gerais como idade, sexo, semestre, dentre outras e questões mais específicas.

Resultados e discussão

O questionário aplicado foi devidamente respondido por 43 acadêmicos da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) - Campus Oriximiná. As perguntas e respostas dispostas no questionário, permitiram avaliar o perfil dos usuários e o grau de conhecimento e interesse no uso de plantas medicinais, as formas de uso, finalidades terapêuticas e quais são as plantas mais utilizadas. Das perguntas gerais, houve uma grande variação entre as idades dos entrevistados, estas variaram entre 18 a 43 anos. Dentre os 43 acadêmicos 69,8% eram do sexo feminino e 30,2% eram do sexo masculino.

O uso de plantas medicinais não é algo novo e desconhecido, especialmente para os acadêmicos entrevistados, sendo que a pesquisa revelou que 100% dos participantes têm conhecimento do que são plantas medicinais e a maioria admite utilizá-las em algum momento. A pesquisa mostra ainda que, 79 % dos entrevistados recebe indicação de para o uso das plantas medicinais de pessoas próximas , como família e amigos, e menos de 10% recebe essa indicação por meio de profissionais da saúde, o que indica que para a maioria dos acadêmicos a transmissão de conhecimento é feita de forma empírica , sendo isso ainda mais comprovado pelo fato de 81% do público ter acesso às plantas por meio de cultivo em suas residências e/ou na residências de amigos e familiares . Paralelamente podemos observar estudos de FARIAS ET AL [3] e PAULINO ET AL [4] que demonstram que acadêmicos de cursos diversos alegam ter algum conhecimento sobre as plantas medicinais e adquirem em seus lares de forma tradicional, abaixo comprovam os resultados citados acima. Quando questionado a respeito da parte da planta que utilizam para tratamento 63% fazem uso das folhas, em seu estudo MORAIS [5] obteve resultado semelhante em relação ao uso das folhas. Em relação a frequência de uso 65% dos entrevistados fazem uso regularmente das plantas medicinais, 19% usam acima de 12 meses, 9% usam de 3 a 6 meses, 5% de 6 a 12 meses e 2% não usam, esse se mostrou ao contrário do trabalho de Mauli, Fortes e Antunes [6] onde menor número de entrevistados fazem uso regularmente, e a maior parte não faz uso. Aproximadamente 79,1% dos participantes do estudo afirmam que utilizam as plantas medicinais como tratamento alternativo, 11,6% responderam que fazem uso como tratamento principal, e apenas 9,3% dos participantes preferiram não responder. Dentre as plantas citadas com mais frequência destaca-se a erva-cidreira (*Melissa officinalis*) com 15% de destaque de uso, seguida pelo boldo (*Plectranthus barbatus Andrews*) com destaque de 13%, hortelãzinho (*Menta piperita*) com 11%, capim santo

com 11%, elixir parigori com 6%, e mangarataia com 5%, mastruz com 3% e cumaru com 3%. As plantas mais utilizadas por estudantes do curso farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), campus Montes Claros, foram: a erva-doce (*Pimpinella anisum*) possui o maior destaque de uso, seguido por babosa (*Aloe vera*), boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews), arnica (*Arnica montana*), camomila (*Matricaria recitita*), hortelã (*Menta piperita*) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), SANTOS et al [7]. Nota-se que entre o estudo de SANTOS et al [7].

Quanto a finalidade terapêutica das plantas medicinais, 15% dos entrevistados afirmaram usar para o tratamento de dores no estomago, 9% para estresse, 7% para inflamação, 7% para ferimento, 6% para resfriado, 6% para problemas estomacais, 5% para gases, 4% para dor de cabeça, 4% para dor de barriga, 4% para gripes. Em estudo realizado por CALADO et al [8] sobre o conhecimento dos estudantes de farmácia acerca do uso das plantas no tratamento de doenças, entre as mais comuns cita-se o tratamento de ansiedade, insônia, enxaqueca e má digestão. SANTOS et al [7] cita que os estudantes fazem uso das plantas para o tratamento gripe (27,3%), para inflamação (18,9%), para o estresse (8,3%), para dores estomacais (6,7%) e para diarreia (5,9%). Dentre as formas de uso relatadas, o chá (infusão) possui maior destaque (86%), e no uso externo na forma de banho de asseio atinge 7%, entre outras formas que não foram ditas (7%). Resultado um tanto similar ao constatado por PIRES et al [2] na cidade de Oriximiná onde cita-se que a infusão é utilizada por 73% dos entrevistados, seguido do banho de asseio com 20%, dentre outras formas relatadas. Noventa e oito acadêmicos responderam que aprenderam a utilizar as plantas medicinais com a família, que representa 74,2%, e apenas 3,0% aprenderam com profissionais da saúde. Resultado similar a outro estudo no qual 71% dos participantes aprenderam a utilizar as plantas medicinais com a família (MARIANO et al. [9]). O principal motivo para o uso de plantas medicinais é o aprendizado com familiares, isso justificado pela facilidade de propagação das informações entre os membros da família, podendo-se dizer que uso e a manipulação de plantas teve sua origem no contexto familiar BADKE et al.,[10]. As plantas medicinais são adquiridas pela maioria dos acadêmicos no quintal de casa (45,5%), no mercado (12,9%), nos quintais de outros (10,6%). Em uma pesquisa com pacientes oncológicos no estado de Goiás, Oliveira e colaboradores constataram que 67,34% dos pacientes, costumam obter as plantas no próprio quintal de suas residências. Esses estudos divergem de Mariano e colaboradores em que 70% dos seus entrevistados disseram que não possuem plantas medicinais no quintal de casa e ainda alegam que a vida urbana que levam e o pouco espaço dos apartamentos e casas dificultam o cultivo. Os quintais domésticos são considerados como importante fonte de cultivo de espécies medicinais, tais como, hortelã, capim santo, erva babosa, erva cidreira, malva santa e mastruz (AMOROZO, 2002; FARIAS et

al., 2017). O segundo local onde os participantes mais adquiriram as plantas medicinais nesta pesquisa foi o mercado central de Montes Claros – MG. Este local apresenta um forte contexto histórico cultural para o município e expressa claramente tradição de uso das plantas medicinais, através das bancas dos raizeiros, que comercializam diferentes tipos de plantas cultivadas no Norte de Minas Gerais (FEITOSA et al., 2015)]. No que diz respeito a importância das plantas medicinais, 54% dos entrevistados responderam que são relevantes na cura e no tratamento de algumas doenças, 30% afirmou ser importante para perpetuar o conhecimento local, e apenas 16% relatou a importância do uso de forma sustentável. Para CALADO et al [11] a importância do uso correto das plantas medicinais para tratar ou prevenir doenças é reconhecido pelos estudantes farmácia, ressalta que essa prática é herdada de geração e com o devido conhecimento científico torna-se possível fazer uso de forma segura e eficaz, além disso, incentiva a transmissão desse conhecimento.

Conclusão

Portanto conclui-se que os acadêmicos possuem conhecimento sobre plantas medicinais e este foi passado de geração a geração, são adeptos ao uso de plantas disponíveis na região.

Referencias

CALADO, A. N.; PEREIRA, A. C. DE S.; LINS, S. R. O. Avaliação sobre o conhecimento dos estudantes do nono e décimo período de farmácia, a respeito da importância do uso correto de plantas medicinais no tratamento de doenças. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n.12, p. 94608-94621 dec. 2020. ISSN 2525-8761

LORENZI, HARRI Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas / Harri Lorenzi, Francisco José de Abreu Matos; computação gráfica Henrique Martins Lauriano. – 2º. Ed. – Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MAULI, M.; FORTES, A.; ANTUNES, F. Cidadania e educação ambiental: plantas medicinais no contexto escolar. *Acta Scientiae*, v.9, n.2, jul./dez. 2007.

MORAIS, RENAN LUIZ JULIÃO Investigação do conhecimento e uso de plantas medicinais pela comunidade da escola municipal Capistrando de Abreu, Nova Iguaçu -RJ. 2015.

PIRES, J. O.; LÉDA, P. H. O.; OLIVEIRA, D. R.; COELHO-FERREIRA, M. R.; SCHER, I. S. ; TALGATTI, D. M. Etnobotânica aplicada à seleção de espécies nativas amazônicas como subsídio à regionalização da fitoterapia no SUS: município de Oriximiná – PA, Brasil. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro. 2020; Ahead of Print | e-ISSN: 2446-4775

SANTOS, T. A. X.; TERRA, M. F. M.; MAGAÑA, K. B. D; SILVA, O. A.; DAMASCENO, E. M. A. Conhecimento e uso de plantas medicinais por acadêmicos do curso de farmácia. *Visão Acadêmica*, Curitiba, v.20 n.2, Abr. - Jun./2019 - ISSN 1518-8361